



## ABORDAGEM DOS EVENTOS CLIMÁTICOS PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO IMPRESSO DE GOIÂNIA NOS ANOS DE 2005 A 2013, COM ÊNFASE NO JORNAL O POPULAR

BÁRBARA ALMEIDA REIS<sup>1</sup>  
MÁRCIO ANTÔNIO ROCHA SANTANA<sup>2</sup>  
ANDRELISA SANTOS DE JESUS<sup>3</sup>  
GISLAINE CRISTINA LUIZ<sup>4</sup>

---

**Resumo:** A presente pesquisa teve por objetivo analisar a forma com que o meio de comunicação impressa, com ênfase no jornal O Popular, transmite a notícia ao leitor, com ênfase nos períodos de chuva e estiagem para cidade de Goiânia. Ao todo, foram analisadas 144 reportagens e a pesquisa abordou análise quantitativa e qualitativa das informações. Foram considerados os critérios quanto ao ano; ao local; ao endereço; tipo de evento e a repercussão do evento quanto a possíveis influências para comunidade goianiense, além de considerar a forma como a matéria foi redigida. Verificou-se, no geral, que as reportagens analisadas atribuem à responsabilidade dos problemas decorrentes dos eventos climáticos especificamente ao episódio.

**Palavras chave:** Eventos Climáticos; Comunicação Impressa; Goiânia.

---

**Abstract:** The present study aimed to examine how the print media, especially the newspaper The People, broadcasts news related to problems experienced by the population during periods of rain and drought in Goiania. In all, 144 reports were analyzed and the research adopted a quantitative and qualitative analysis. Criteria in terms of year, location, address, type of event and the repercussions of the event for possible influences for goianiense community were considered. It was observed that the vehicle of communication brings inversion of values in relation to climatic events and overall reports analyzed attributed to problems experienced by the population as being the responsibility of climatic events.

**Key-words:** Climatic events; Print Communications; Goiânia.

---

### 1 – Introdução

As variações climáticas são discutidas em fórum nacional e internacional e o grande foco tem sido as mudanças do clima em escala global. Contudo, na escala local as

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Federal de Goiás. E-mail de contato: almeida.reis6@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Federal de Goiás. E-mail de contato: marcio.antonio21@gmail.com

<sup>3</sup> Docente na área de Geografia Física da Universidade Federal de Goiás UFG/IESA. E-mail de contato: andrelisajesus@gmail.com

<sup>4</sup> Docente na área de Climatologia da Universidade Federal de Goiás UFG/IESA. E-mail de contato: gislaine@ufg.br



variabilidades e os eventos extremos têm repercutido de forma desastrosa para determinados segmentos da sociedade. É comum os noticiários informarem calamidades provenientes de períodos de seca ou de chuvas, as quais podem estar associadas a eventos de alagamentos, inundações, deslizamentos que em geral resultam em perdas materiais e inclusive de vidas humanas.

Como consequência as questões ambientais têm sido amplamente discutidas e abordadas pelos meios de comunicação. Eventos climáticos extremos, desastres naturais, e a preocupação com os recursos naturais são alguns temas tratados pelo Jornalismo Ambiental. O despertar envolvendo as questões relacionadas às questões ambientais em âmbito global teve início em 1972, com a Conferência da ONU sobre o meio ambiente, em Estocolmo. A partir daí, as questões ambientais ganharam maior espaço na imprensa internacional. No Brasil, o jornalismo ambiental teve sua ascensão a partir de 1992 com a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e o Desenvolvimento, chamada de Rio 92.

Nesse sentido, é importante ressaltar o papel do jornalismo ambiental na sociedade, que segundo Bueno (2007), possuem 3 funções básica: a informativa, a pedagógica e a política. A primeira, como o nome já diz, tem o intuito de informar o cidadão com os principais temas que abrange as questões ambientais. A segunda função atribuída pelo autor, a pedagógica, deve ser direcionada à explicitação das causas dos problemas e o apontamento de soluções para os problemas ambientais, indicando caminhos à superação dos problemas ambientais. A terceira função, a política, tem a ver com a mobilização dos cidadãos no sentido defenderem os seus interesses exigindo que medidas sejam tomadas no sentido de evitar que o problema ambiental tenha repercussões e seja agravado. A terceira função está relacionada com o cumprimento de políticas públicas por parte dos governantes e do setor privado, e a imprensa nesse sentido tem o papel de levar esclarecimentos à sociedade quanto aos seus direitos na busca pela qualidade de vida.

Considerando a grande quantidade de matérias jornalísticas relacionadas ao meio ambiente, cabe discutir como os veículos de comunicação tratam tais notícias. Nessas matérias nem sempre ocorre o tratamento adequado dessas informações, provocando uma superficialidade da matéria abordada no jornal. Segundo Silva e Bortolheiro (2010):

A superficialidade existente nas notícias acaba tornando o jornal impresso apenas meio de veiculação de fatos, destoando da importância fundamental que possui na sociedade moderna, carente de mediadores entre os fatos e as pessoas. Na cobertura ambiental este aspecto acentua-se ainda mais, uma vez que a temática ambiental é complexa e envolve diversos fatores. (SILVA; BORTOLIEIRO, 2010, p. 2)

Um exemplo que caracteriza o que foi exposto acima é a forma com que a maioria dos jornais impressos aborda os eventos climáticos como a chuva e a seca. No período de



maiores índices pluviométricos, as grandes cidades padecem com alagamentos, quedas de árvores, áreas de risco, diminuição do nível dos reservatórios de água, entre outros. Geralmente, não há um aprofundamento teórico ao se tratar de tais eventos, causando uma superficialidade na notícia. Além destes aspectos, é comum a utilização de termos sensacionalistas e alarmistas de tais fatos. Isso proporciona uma inversão de responsabilidade, pois o foco do problema é dado ao evento climático e não ao despreparo técnico e de infraestrutura que os gestores têm para lidar com tal evento.

O clima é enquanto recurso do meio físico apresenta expressiva variabilidade espacial e temporal, que reflete diretamente na qualidade de vida da população. Nesse sentido, são importantes os mecanismos de divulgação, tanto dos eventos, mas também a explicação dos fenômenos. Sendo assim, a imprensa assume importante papel e ao mesmo tempo também é veículo formador de opiniões.

Diante desse contexto surge a seguinte indagação: Como o jornal impresso O Popular aborda os eventos climáticos em Goiânia? As hipóteses elaboradas para tal problema de pesquisa foram: a) Não há aprofundamento teórico ao dar a notícia, tratando o problema ambiental de forma superficial; b) o Jornal O Popular apresenta a notícia de forma segmentada, o que dificulta a compreensão de um contexto mais amplo sobre o meio ambiente. Com base nessas hipóteses pode-se direcionar e determinar a metodologia utilizada para a análise dos dados, que objetivou analisar a forma com que O Popular transmite a notícia ao leitor, com ênfase nos períodos de chuva e seca para cidade de Goiânia.

A presente pesquisa foi pensada junto à disciplina Metodologia de Pesquisa e como trabalho final foi apresentado um projeto com o tema: Abordagem da chuva pelos veículos de comunicação impresso, com ênfase no jornal O Popular. Diante do interesse que o respectivo tema despertou, o projeto foi desenvolvido ao longo de dois semestres, com o acompanhamento dos Laboratórios Centro Integrado de Pesquisa em Gestão e Ordenamento Territorial (CIPGEO) e o de Climatologia Geográfica (CILMAGEO), ambos vinculados ao Instituto de Estudos Socioambientais da UFG.

## 1.2 – Concepções Teóricas

Os processos atmosféricos dos quais os episódios climáticos são deflagrados referem-se ao estudo de um importante componente do meio físico. As características climáticas de determinada localidade integra os processos ambientais e participa de forma ativa das interações e manutenção de outros domínios, tais como a atmosfera litosfera, biosfera e hidrosfera. Por estabelecer relação de interdependência, tanto às características climáticas quanto às variações decorrentes de fatores naturais e/ou antrópicos, assumem importante



papel nos estudos das complexas interações dos meios bióticos e abióticos, pois representam um fator ativo dessas relações, tanto como insumo de energia, quanto como regulador dos processos inerentes às referidas interações (AYOADE, 2003; NIMER & BRANDÃO, 1989).

As características do clima estão diretamente associadas ao resultado do balanço de energia entre radiação solar, atmosfera e a superfície terrestre. Qualquer modificação em um desses sistemas altera o balanço de energia nos demais, produzindo variações dos atributos do clima (AYOADE, 2003). Enquanto fenômenos naturais, os eventos climáticos tem sido alvo de acirradas discussões em fórum de debates e também têm direcionado pesquisas em diferentes áreas do conhecimento. Na Geografia, vem sendo amplamente discutido, principalmente a partir das contribuições de Monteiro (1976), no sentido de entender a estreita relação entre a ação humana e as possíveis influências decorrentes das modificações espaciais introduzidas nas grandes cidades brasileiras.

Contudo, nesse entendimento, há que se destacar o papel da escala dos processos climáticos. Sabe-se que em escala microclimática o homem possui controle e conhecimento do tempo atmosférico, entretanto essa escala é dependente tanto da escala mesoclimática e macroclimática (MENDONÇA, 2000).

As escalas inferiores do clima estão na dependência direta da intermediária (mesoclimática) e da superior (macroclimática), sendo que os mecanismos responsáveis pela dinâmica e circulação atmosférica do planeta ainda são completamente determinados pelos fluxos de matéria e energia estabelecidos entre e pelo Sol e a Terra. A ciência da atmosfera, no seu estágio atual de desenvolvimento, trabalha ainda na perspectiva da dinâmica natural dos gases e a sociedade ainda não a teria alterado. (MENDONÇA, 2000, p. 87)

Como resultado das interações entre as diferentes escalas e os aspectos físicos-geográficos, o clima apresenta expressiva variabilidade tanto temporal quanto espacial. Segundo Canfalonieri (2003) a variabilidade climática pode ser entendida como resultante do sistema climático terrestre, responsável por oscilações naturais nos padrões climáticos, observados em nível local, regional e global. Do que é possível compreender a variabilidade dos eventos climáticos, inclusive daqueles considerados extremos.

Desta forma, os eventos climáticos quando acometidos nos espaços urbanizados, afetam diretamente a qualidade de vida da população citadina. Embora esses eventos sejam um fenômeno de ordem natural, as atividades antrópicas que transformam o ambiente de maneira incorreta em relação à natureza do ambiente físico, fazem com que este evento tome proporções catastróficas, afetando diretamente a população de diferentes formas, desde a saúde à diminuição da qualidade de vida, deflagrada principalmente pela



forma que o espaço urbano recebe os episódios pluviométricos. O aumento constante da impermeabilização do solo, retirada de vegetação das encostas e margens de rios, crescimento urbano de forma desordenada e a má qualidade no sistema de drenagem urbano, fomentam ainda mais os episódios drásticos no período chuva. No período da seca, a população tem outros tipos de problemas, dentre eles aqueles relacionados a problemas respiratórios e alérgicos, que também afetam a qualidade de vida. Especificamente no que se refere aos impactos pluviais, Monteiro e Mendonça (2003) elucidam:

No que concerne aos aguaceiros, fortes impactos pluviais concentrados, o problema é de especial interesse para nós, no Brasil, já que dificilmente há um ano em que, em diferentes regiões, não haja uma ou algumas cidades violentamente atacadas. Infelizmente, revelamo-nos cada vez mais incapazes ou ineficientes para combater esse problema crucial de algumas das mais importantes áreas metropolitanas brasileiras.(MENDONÇA & MONTEIRO, 2003, p.55)

Os autores ainda propõem dois vieses para uma reação favorável a ação, muitas vezes violentas, da chuva. A primeira seria o planejamento de forma adequada ao uso do solo, enquanto que a segunda trata-se no melhoramento da infraestrutura no sistema de drenagem, não só da cidade, mas também em áreas próximas. (MENDONÇA & MONTEIRO, 2003)

Contudo, o que muitas vezes fica para a maior parcela da população citadina é que os episódios climáticos são responsáveis pela destruição e impactos, os quais ocorrem de forma recorrente nos grandes centros urbanos das cidades brasileiras. Sabe-se que as matérias jornalísticas veiculadas em jornais impressos são grandes formadoras de opinião, haja vista que grande parte da população tem acesso às informações através dos jornais. Segundo Girardi *et al.* (2006), a grande difusão da comunicação no mundo aumenta a responsabilidade de quem as produz.

Este contexto demonstra o alcance dos meios de comunicação e a importância do jornalismo enquanto mediador dos processos de produção de sentido nas sociedades modernas. Assim, o jornalismo tem a função não só de gerar conhecimento, mas de provocar o debate. Este é exercício inerente à profissão, e que ganha uma carga extra de responsabilidade quando passamos a lidar com o tema ambiental, que impõe questões de caráter múltiplo e contraditório. (GIRARDI *et al.*, 2006:p.2)

Para Bueno (2007) o jornalismo ambiental deve integralizar uma visão inter e multidisciplinar, que vai além das setorização imposta pelo jornal, uma vez que essa fragmentação fragiliza a função do jornalismo ambiental e define ainda:

Jornalismo Ambiental como o processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado. (BUENO, 2007: p.35)



Para Moraes (2008) o Jornalismo Ambiental estabelece necessidade de uma abordagem que seja ampla e contextualizada, que seja possível compor uma forma de prestar serviço às gerações futuras e, contribuir para que haja comprometido com este paradigma. Entretanto, esses conceitos não são aplicados na realidade. O que vemos são reportagens superficiais, descontextualizadas e fragmentadas, promovendo a idéia de que o meio ambiente é algo externo ao homem.

Não obstante, a cidade de Goiânia-GO passa por problemas relacionados à variação sazonal do clima, sejam os eventos climáticos relacionados à chuva intensa seja a seca. No período de outubro a março, Goiânia se encontra sob domínio de ventos de direção noroeste e norte, aliados a uma condição de baixa pressão na região central do Brasil que, por sua vez, atrai umidade oriunda da massa Equatorial Continental. A soma destas condições aumenta as ocorrências pluviométricas na região. Por outro lado, de abril a setembro, Goiânia se encontra sob o domínio dos ventos alísios de S e SE, os quais indicam condições sinóticas de origem de centro de alta pressão, o que repercute em longo período de estiagem (LUIZ, 2012; CASSETI, 1993).

É bastante frequente na época de ocorrência das alturas pluviais mais elevadas, principalmente relacionadas aos episódios intensos, ocorrência de alagamentos; quedas de energia; erosões e buracos na pavimentação e acentuando-se o perigo aos moradores em áreas de risco. Por outro lado, durante o período da seca, a capital sob a influência de sistema de alta pressão, potencializa a poluição e os problemas decorrentes de processos alérgicos; respiratórios; fadiga; desidratação são comuns nesse período. Nesse sentido, o entendimento dos eventos climáticos e a compreensão de como a população da cidade de Goiânia associa os problemas decorrentes dos episódios, é que surgiu o interesse de realizar um levantamento junto ao jornal impresso O Popular, considerado um dos veículos de comunicação de maior inserção na sociedade goiana.

### **3 – Procedimentos Metodológicos**

Para a análise quantitativa da pesquisa foi realizado o levantamento das notícias publicadas acerca dos eventos climáticos e suas repercussões em Goiânia, nos arquivos do Centro de Documentação do Jornal O Popular (CEDOC), pertencente ao Grupo Jaime Câmara, situado na serrinha, no alto do setor Bueno, em Goiânia-GO, entre os anos de 2005 e 2013. Os jornais estavam disponibilizados no formato de microfimes nos anos de 2005 a 2008, enquanto os anos de 2009 a 2013 estavam disponibilizados no formato PDF. Foram consideradas as reportagens presentes no caderno “Cidades”, local em que as matérias relacionadas aos eventos climáticos são publicadas no jornal.



Para a análise dos dados foi elaborada uma planilha contendo a data da publicação; a manchete da matéria; o tipo de evento climático, chuva ou seca, bem como as características de cada evento; a descrição da matéria e o efeito que o evento causou na sociedade. A forma com que a matéria foi escrita foi analisada, de forma a subsidiar análise qualitativa das informações.

#### 4 – Apresentação e Discussão dos Resultados

A pesquisa no arquivo CEDOC do jornal O Popular entre os anos de 2005 a 2013, totalizaram 144 reportagens, trazendo especificamente os eventos climáticos e suas repercussões em Goiânia. A análise das reportagens foi organizada considerando o período chuvoso, correspondente aos meses de outubro a março e, o período seco, os meses de agosto e setembro, representa o período em que as notícias são relacionadas aos problemas decorrentes do período de estiagem.

##### 4.1 - Período Chuvoso e os Problemas Noticiados

Abaixo, Figura 01, é apresentada quantitativamente os problemas noticiados no jornal relacionado ao período chuvoso. Das 144 reportagens analisadas ao longo do período, 75% delas estão relacionadas a esse período.

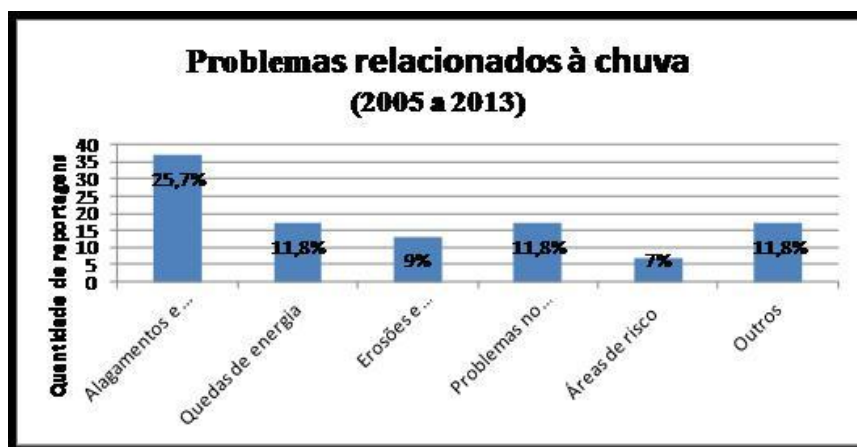


Figura 01: Problemas relacionados a chuvas noticiados no O Popular: Goiânia-GO entre 2005 e 2013.

De acordo com a Figura 01, o maior problema, segundo o Jornal O Popular, enfrentado na cidade de Goiânia no período chuvoso são os alagamentos e enchentes; seguido de quedas de energia; erosões e buracos na pavimentação; problemas no trânsito e nas áreas de risco. As reportagens especificadas como “outros” são aquelas relacionadas com a previsão do tempo.

As enchentes e alagamentos, registradas em 25,7% das matérias analisadas, só passam a ser um problema a partir do momento que afeta a população. A falta de planejamento e o descumprimento do plano diretor fazem com que as margens de rios e



córregos sejam habitadas. Além disso, os sistemas de drenagem da cidade são insuficientes e de má qualidade, o que agrava ainda mais a situação. No período chuvoso é natural que aconteçam as enchentes, porém com a impermeabilização do solo cada vez maior esse processo é potencializado com o incremento das vazões de pico.

As constantes interrupções no fornecimento de energia elétrica durante o período chuvoso estão associadas à queda de árvores em Goiânia. Este item foi observado em 11,8% das notícias registradas como sendo problema durante o período chuvoso. Goiânia é uma das cidades mais arborizadas do país, contudo, na época de chuvas é comum problemas relacionados à falta de energia por conta da queda de árvores e galhos na fiação elétrica, muitas das vezes, interrompendo o fornecimento de energia elétrica.

É importante ressaltar que as quedas de árvores não são o único fator para a interrupção de energia elétrica, ventanias e descargas elétricas também prejudicam o fornecimento do serviço. Problemas esses que poderiam ser evitados com uma maior eficácia nas podas de árvores por parte dos órgãos competentes a este setor da administração pública. Ressalta-se que na maioria dos casos a interrupção no fornecimento de energia elétrica não é um resultado direto das chuvas, mas sim resultado de um contexto mais amplo do gerenciamento da poda de árvores, que envolve desde a troca de árvores condenadas e até mesmo o plantio de espécies impróprias para área urbana com copas muito altas e frondosas. Nessa categoria de problemas decorrentes de eventos de chuva, há ainda aqueles relacionados às perdas materiais, como por exemplo, queda de árvores sobre carros e residências, comum durante a estação chuvosa na cidade de Goiânia.

A interrupção de energia elétrica resulta em muitos outros problemas para a população, dentre eles transtornos no trânsito, que aparece em 11,8% das notícias. Além da queda de energia, também é afetado pelos alagamentos e inundações que obstruem as ruas. Com a falta de energia, outro problema deflagrado, repercutindo em prejuízos para os comerciantes, pois o que se observa é que com a queda de energia, muitos estabelecimentos comerciais têm seus produtos danificados e as perdas são atribuídas ao episódio pluvial.

Outro problema abordado nos jornais são as erosões e buracos na pavimentação, foram registrados 9% das notícias durante o período chuvoso. O processo erosivo é um processo natural, em que a remoção de solo por algum agente, sendo comum em locais com uma precipitação acentuada que esse agente seja a chuva. A interferência humana faz com que esse processo se agrave e atinja proporções maiores chegando ao nível de voçorocas, canais mais profundos que atingem o nível freático, de difícil remediação.





As notícias referentes a problemas nas áreas de riscos, em 7% das matérias pesquisadas, estão relacionadas a processos de inundações que atinge as populações ribeirinhas. É comum nessas áreas a associação de problemas com trincas nas construções e também pelo agravamento dos processos erosivos, seja pelo lançamento indevido das águas pluviais à meia encosta e no leito das drenagens, seja pelo aumento do pico da vazão, que promove o solapamento das encostas intensificando os processos de retirada de material a montante.

A forma como às reportagens foram escritas também foi analisadas. A partir de análise qualitativa das reportagens pesquisadas, verifica-se que há uma inversão de responsabilidades no processo de abordagem do jornal para com os eventos climáticos de Goiânia. Além disso, é sabido, com base em dados climatológicos, que este fenômeno natural ocorre em ciclos constantes, ou seja, todo ano o Centro-Oeste passa por período de chuvas intensas. Em Goiânia, Luiz (2012) chama a atenção para a frequência com que os episódios pluviais em 24h ocorrem. Coloca que ao longo do ano, entre 89% a 98% dos episódios de chuva ocorrem com intensidades de até 25mm, contudo ressalta que apesar dos dados serem intensidades em 24h, há que se considerar a tropicalidade climática de Goiânia, em que os episódios tendem a ocorrer de forma rápida e intensa. Diante disso, a cidade é que precisa se adaptar a esses fenômenos e não o inverso. Outro fator relevante é a superficialidade das reportagens. Não há um aprofundamento do assunto mostrando a verdadeira causa dos problemas vividos pela sociedade, mas o que se percebeu neste levantamento é que o jornalismo sempre atribui a responsabilidade ao evento climático. A seguir, temos alguns exemplos:

A chuva que caiu em Goiânia no início da noite de ontem provocou transtornos em praticamente toda cidade, repetindo o que aconteceu nos dois dias anteriores (**Chuva e ventos causam novo apagão e param trânsito**. MERGULHÃO, A.; OLIVEIRA, C. 2011).

A chuva forte que caiu na noite da última segunda-feira (19) em Goiânia provocou vários transtornos (**Forte chuva causa transtornos na capital**. REDAÇÃO. 2012).

#### 4.2 Períodos de Estiagem e os Problemas Noticiados

As notícias relacionadas ao período de estiagem totalizaram 25% das reportagens analisadas. Conforme Figura 02, os problemas noticiados decorrentes deste período estão relacionados a incêndios; falta de água; problemas de saúde e outros.

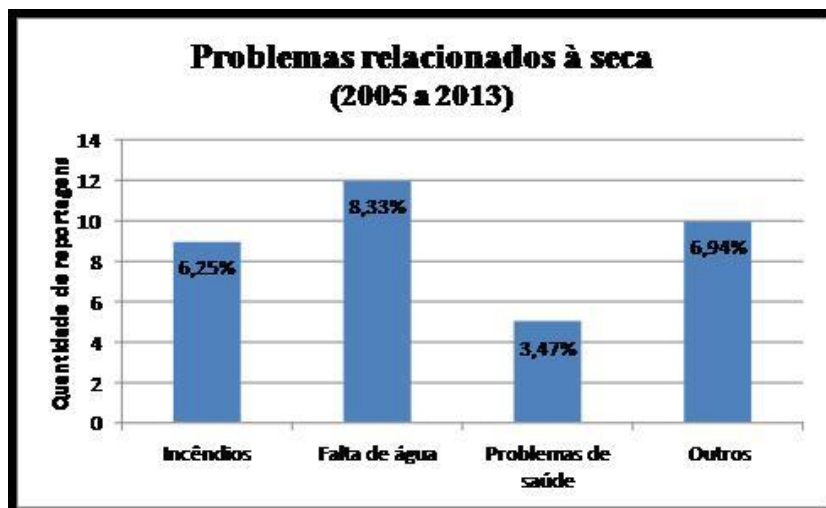


Figura 02: Problemas relacionados a estiagem noticiados no O Popular: Goiânia-GO entre 2005 e 2013.

Os problemas relacionados a incêndios estiveram em 6,25% das notícias relacionadas a problemas decorrentes do período de estiagem e estão especificamente relacionados à queimadas. Durante a estação seca é muito comum o agravamento desse processo natural da região dos cerrados brasileiros, mas mediante imprudência o problema se agrava. Segundo Silva *et al.* (2004) durante a estiagem a vegetação resseca, a falta de umidade associada a elevadas temperaturas são condições naturais propícias às queimadas, mas com a intervenção do homem os incêndios são mais frequentes.

As análises das reportagens mostraram que grande parte dos incêndios acometidos em Goiânia é por causa natural, devido às condições climáticas. Entretanto, parte significativa das reportagens mostrou que a prática de colocar fogo na vegetação seca também responde pela ocorrência de incêndios que foram noticiados.

A falta de água foi outro problema recorrente e esteve em 8,33% das notícias. Além de o período climático favorecer a diminuição do nível do reservatório que abastece a cidade, o uso indiscriminado da água pela população contribui para esse problema. Tucci *et al.* (2000) afirma que em anos mais secos, a falta de água ocorre tanto para atender o setor produtivo relacionado à agricultura, mas também no abastecimentos das cidades. Nesse quesito, chamamos a atenção para a influência do período da seca para o setor energético. Os problemas recorrentes à falta de água durante o período de estiagem é muitas vezes fruto da falta de regularização e de programas preventivos para redução dos impactos das secas ocasionais. Os problemas de saúde relacionados ao tempo seco apareceram em 3,47% das reportagens. Dentre os mais citados, estão: ardência nos olhos, irritação na garganta e problemas respiratórios.



## 5 - Considerações Finais

Diante das informações analisadas, nota-se uma inversão de valores em relação aos eventos climáticos. Culpa-se o fenômeno natural de problemas originados pela própria atividade antrópica. A abordagem feita pelo jornal O Popular não é diferente. Em quase maioria das reportagens analisadas os eventos climáticos são responsabilizados pelos problemas decorrentes do evento. A verdade é que os problemas já existem, e a chuva ou a estiagem, neste caso, tornam-se um agravante neste processo. Sabe-se também que a chuva e a seca são fenômenos de ordem natural e que ocorre em ciclos constantes. Sendo assim, são as cidades que precisam se adaptar para receber da melhor forma os eventos climáticos. Contudo, a abordagem jornalística muitas vezes não é feita por especialista, o que deixa bastante a desejar em relação à profundidade dos assuntos abordados.

Finalmente, sabe-se que os meios midiáticos são grandes formadores de opinião e, para grande parte da população consiste no único meio de acesso as informações. Como citado anteriormente, há uma visão jornalística de que o problema são os eventos climáticos. Assim sendo, a população civil e os governos se isentam e não há uma conscientização da verdadeira causa dessa problemática.

## 6 – Referências Bibliográficas

- AYOADE, J. O. **Introdução à Climatologia para os Trópicos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2003. 9<sup>o</sup> Ed.
- BUENO, W. B. **Jornalismo Ambiental: Explorando além do conceito**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007. Editora UFPR.
- CANFALONIERI, Ulisses E. C. **Variabilidade Climática, vulnerabilidade social e saúde no Brasil**. Terra livre, São Paulo, ano 19 – vol.I – n.20, p. 193-204, 2003.
- CASSETI, Valter. **Os ventos de Goiânia-Go**. In: Revista Brasileira de Geofísica. Vol.11(2), 1993.
- Luiz, G.C. **Influência da relação solo/atmosfera no comportamento hidromecânico de um solo tropical não saturado-estudo de caso: região de Goiânia-GO**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geotecnia, Departamento de Engenharia Civil, Universidade de Brasília, 246 p.
- GIRARDI et al. **Pensando o Jornalismo Ambiental na ótica da Sustentabilidade**. UNIrevista - Vol. 1, n° 3. 2006. ISSN 1809-4561
- MENDONÇA, F. **Aspectos da interação Clima – Ambiente - Saúde humana: da relação Sociedade – Natureza à (in) Sustentabilidade Ambiental**. R. RA'EGA, Curitiba, n. 4, p. 85-99. 2000. Editora da UFPR.
- MENDONÇA, Francisco; MONTEIRO, Carlos. **Clima Urbano**. São Paulo, Editora Contexto, 2003.
- MORAES, C. H. **Jornalismo Ambiental: Dilemas de uma quase especialidade**. SBPJOR. UMESP, 2008.



SILVA, A. S; SCOPEL, I. **Incêndios em vegetação entre 2000 e 2002, nas propriedades rurais limítrofes às rodovias pavimentadas do município de Jataí-GO.** Geoambiente On-Line. n.2, Jan/Jun, 2004. ISSN 1679-9860.

SILVA, R. T. R.; BORTOLIEIRO, S. T. **A Cobertura Ambiental nos jornais impressos de Salvador: Um panorama das notícias sobre o meio ambiente nos jornais A Tarde e Correio.** Campina Grande: Intercom, 2010.

TUCCI, E.M.C. et al. **Cenários da gestão da água no Brasil: uma contribuição para a “visão mundial da água”.** RBRH. Vol. 5, n. 3 Jul/Set 2000, p. 31-43.

MONTEIRO, C. A. F. **Teoria e clima urbano.** 1976.181f. Tese de livre docência. Departamento da FFLCH-USP, São Paulo, 1976.

NIMER, E; BRANDÃO, A.M. (1989). **Balço Hídrico e Clima da Região dos Cerrados.** Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE. Rio de Janeiro, 1989, 166 p.